

AO PÉ DA(O) LETRA(MENTO) ACADÊMICO: ALGUMAS REFLEXÕES

Clecio Bunzen¹

Universidade Federal de São Paulo

Imaginemos esta revista com vida longa -o que de fato lhe desejamos- daqui a 10 anos, com dois números anuais e cerca de 20 trabalhos por número, terão sido meio milhar de trabalhos que contarão uma história que com toda a probabilidade as revistas dos nossos “pesquisadores sêniores” não contarão com tanta fidelidade. (Marcuschi, Luiz A. In: Apresentação do primeiro volume da revista Ao pé da Letra, 1999).

Ao ingressar como aluno no curso de Letras (Habilitação Português/ Inglês) da Universidade Federal de Pernambuco em 1998, não fazia ideia das demandas e dos processos de aprendizagem que ocorreriam ao longo de um curso de formação de professores. Em relação ao processo de letramento - entendido aqui como dinâmico, inacabado e (re)configurado em dinâmicas discursivas diversas - , ressaltou o confronto inicial entre as práticas de leitura e escrita que vivenciei ao longo do processo de escolarização formal e as “novas” práticas de letramento na/da esfera acadêmica.

A leitura dos livros infanto-juvenis, dos livros didáticos, dicionários e a produção de redações (normalmente narrativas e dissertações), com valores e concepções típicas do processo de escolarização formal, entravam

1. Publicou, como aluno, nos volumes: 2 (2000), 3.1 (2001) e 4.2 (2002) de Ao Pé da Letra. Atualmente é professor da Universidade Federal de São Paulo.

em disputa com práticas situadas e locais, típicas do universo acadêmico. Como não estudei em escolas que tinham bibliotecas e não estava inserido no mundo digital no momento em que iniciei o ensino superior, os espaços da universidade se constituíram como novos territórios de apropriação das culturas escritas, desde os locais responsáveis pelas fotocópias até o contato com estantes cheias de livros acadêmicos nas salas dos professores. Nas disciplinas acadêmicas, as aprendizagens na leitura e na escrita voltam-se para compreender e usar gêneros específicos: fichamentos, resumos, resenhas, ensaios, debates, exposições orais etc. Em vários momentos, “novos” gestos e ações apareciam, como exemplos posso citar a *prática da reescrita* dos trabalhos e a própria produção de artigos científicos. O letramento acadêmico era, assim, (re)definido justamente neste processo de contraste e complementação com negociações de interesses pessoais e coletivos, uma vez que a Universidade exigia um conjunto de normas e expectativas de aprendizagem que me colocavam papéis sociais bem diferentes daqueles do ensino fundamental e médio.

A revista *Ao pé da Letra*, criada em 1998, contribuiu de diferentes maneiras para esse processo de construção identitária de um aluno, futuro professor de língua e literatura, em processo de formação inicial universitária. Em primeiro lugar, era a primeira vez que me deparava com uma *revista acadêmica*. Conversar com alguns colegas, ouvir explicações dos professores e participar indiretamente da leitura de alguns artigos antes da publicação foram ações essenciais para compreender “os bastidores” de uma produção escrita na esfera acadêmica. O primeiro volume da revista com artigos de alunos da UFPE, por exemplo, trouxe: (i) trabalhos que ouvi nas apresentações da chamada *Semana de Letras*; (ii) trabalhos realizados em disciplinas, como Português 4, ministrada no segundo semestre de 1998 pela professora e editora da revista Angela Dionisio; (iii) trabalhos de bolsistas de Iniciação Científica com quem tive a oportunidade de conviver nas salas do NURC, NELFE e nos corredores do Centro de

Artes e Comunicação. Enfim, o lançamento da revista e o contato com o material impresso foi essencial para minha própria história de leitura de textos acadêmicos, pois me apresentou ao gênero “artigo científico” de divulgação com a possibilidade de discutir com seus autores.

Em segundo lugar, a revista *Ao pé da Letra* proporcionou-me como aluno de graduação e bolsista de Iniciação Científica (1999-2002), sob a orientação da professora Dóris Arruda da Cunha, a possibilidade de socializar as pesquisas. A passagem de leitor para autor de textos de divulgação científica não foi tranquila, pois a produção de um artigo exige apropriações diversas do tema a ser desenvolvido, da estrutura composicional do gênero (título, resumo, introdução, análise dos dados para leitores que não conhecem a pesquisa, conclusão, referências, anexos etc.), do estilo do gênero. Desta forma, a revista produzida por alunos de graduação criava uma situação de interação diferente, uma vez que a prática de escrita de textos para os professores ampliava-se para um objetivo comunicativo bem definido, com características particulares do leitor, com características das instituições em que o texto vai circular, assim como definições do gênero.

As idas e vindas, assim como os rascunhos e versões que as professoras Dóris Cunha e Márcia Mendonça do curso de Letras da UFPE entregaram-me encontram-se arquivados, pois são exemplos da construção do processo de autoria. Por tal razão, destaco como uma grande contribuição para minha formação acadêmica e docente, o fato de poder viver experiências na universidade que levaram em consideração os processos de contextualização, organização e planejamento dos conteúdos temáticos, organização do texto em partes (planificação), textualização, releitura, revisão, reescrita e publicação do texto. Tal processo, que defendemos como central para o trabalho com escrita no ensino fundamental e médio, tornava-se possível pela imersão em práticas sociais situadas e que apontavam para objetivos claros e (re)definidos

por diferentes sujeitos: alunos-autores, professores orientadores, editor, pareceristas, revisores etc.

A possibilidade de abrir espaços para que os alunos da graduação em Letras (de diferentes faculdades e universidades) possam produzir artigos e divulgar suas pesquisas certamente rompeu com um paradigma da pesquisa apenas no âmbito da pós-graduação, alertando para a importância de dinâmicas interativas e de divulgação do conhecimento no âmbito da graduação. Como leitor e autor de três artigos para a revista *Ao pé da Letra*, sinto-me hoje como um aprendiz que foi levado a realizar ações discursivas, cognitivas e metacognitivas para compreender e me apropriar de práticas de letramento específicas em um contexto situado e local, contribuindo essencialmente para as pesquisas que realizei na pós-graduação.

Ações e atividades como essas poderiam ser ampliadas para que possamos superar o discurso ainda muito comum de que os alunos não são capazes de escrever na esfera acadêmica. Muitas vezes, a questão não é apenas de ensino de uma *técnica*, mas de (re)construção de identidades, práticas, representações e discursos sobre a cultura escrita. A emergência, produção e circulação de artigos de divulgação científica escritos por alunos de graduação mostram o potencial que ações sociointeracionais de mediação concretas podem repercutir na formação inicial dos professores de língua, assim como dos futuros professores universitários. No âmbito da docência universitária, encontramos ainda pouca discussão sobre o papel da circulação e recepção das pesquisas realizadas nas disciplinas (normalmente para os professores e alunos). Por esta razão, a produção das pesquisas com alunos de graduação sem espaços sociais mais amplos para circulação torna-se uma prática pedagógica monológica. A possibilidade de escrita, de construção de autoria, de diálogo e réplica ativa, como construída nos últimos dez anos pela revista *Ao pé da Letra*, nos ensina que é possível transformar os alunos de graduação em autores que agenciam o conhecimento científico de múltiplas formas.